

**BLING
RING**



Da esquerda para a direita, no alto: Diana Tamayo, Jonathan Ajar, Alexis Neiers e Rachel Lee; embaixo: Nick Prugo, Courtney Ames e Roy Lopez.

Nancy Jo Sales

BLING BLING

A GANGUE DE HOLLYWOOD

Tradução de
Andrea Gottlieb
Cláudio Figueiredo
Lourdes Sette



Copyright © 2013 Nancy Jo Sales

título original
The Bling Ring

preparação
Flora Pinheiro

revisão
Juliana Trajano
Fernanda Bulhões

projeto gráfico
Ruth Lee-Mui

diagramação de miolo e adaptação de capa
Julio Moreira

créditos das imagens
Capa © Merrick Morton/A24; contracapa © Zurijeta/Shutterstock Images;
páginas 22, 76, 107, 220 e 245: cortesia de Splash News e Picture Agency; páginas 83,
100, 186: cortesia da X17, Inc.; página 127 © Warner Bros./Getty Images; página 145 ©
AFP/Getty Images; páginas 153 e 161 © Susanna Howe/Trunk Archive; página 175 ©
WireImage/Getty Images.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S165b

Salles, Nancy Jo
Bling Ring: a gangue de Hollywood / Nancy Jo Salles; tradução Andrea Gottlieb,
Lourdes Sette, Claudio Figueiredo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
272 p.: il.
Tradução de: The Bling Ring
ISBN 978-85-8057-359-6
1. Adolescentes 2. Roubos 3. Hollywood (Califórnia, Estados Unidos) - História I.
Título.

13-01035

CDD: 364.16
CDU: 343.71

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Zazie

SUMÁRIO

Prefácio

— 9 —

Parte um

O MONSTRO DA FAMA

— 17 —

Parte dois

DANÇANDO COM AS ESTRELAS

— 103 —

Parte três

QUASE FAMOSOS

— 197 —

Nota da autora

— 267 —

Agradecimentos

— 269 —

Bibliografia

— 270 —

PREFÁCIO

Na primavera de 2010, recebi um recado de alguém do escritório de Sofia Coppola dizendo que ela estava interessada em comprar os direitos de filmagem da minha reportagem “The Suspects Wore Louboutins” [Os suspeitos usavam Louboutin] para a revista *Vanity Fair*, que tinha acabado de ser publicada na edição dedicada a Hollywood daquele ano. Fiquei entusiasmada, mas também intrigada em saber por que essa história teria atraído o interesse de Sofia Coppola. Era sobre uma quadrilha formada por adolescentes entre 2008 e 2009 que tinham escolhido como alvo as casas da nova geração de astros de Hollywood. Os ladrões, a maior parte deles recém-formados no ensino médio, tinham escapado com quase 3 milhões de dólares em roupas de grifes, joias, malas e obras de arte de “estrelas” que não esperaríamos ver num filme de Sofia Coppola — Paris Hilton, Lindsay Lohan, Audrina Patridge (uma das garotas do programa *The Hills*), para citar apenas algumas. Eram pessoas famosas por serem famosas, um novo tipo de celebridade relacionado à presença no Facebook e no Twitter e a calcinhas expostas acidentalmente — mesmo que seja pelo Instagram.

Era também uma reportagem sobre jovens de uma área do Valley, em Los Angeles, habitada por gente endinheirada — outro tema improvável para Sofia. Ela faz filmes lindos sobre lugares lindos — tinha rodado grande parte de *Maria Antonieta* (2006) em Versalhes, a única pessoa até então autorizada a usar o palácio como locação —, e essa era uma história sobre um mundo bem mais cafona, no qual os ricos ostentavam sua riqueza de forma grosseira e espalhafatosa... Porém, de certa maneira se parecia bastante com o *Ancien Régime* anterior à Revolução Francesa. E talvez com a classe mais abastada dos Estados Unidos dos dias de hoje.

Contudo, quando comecei a rever alguns dos filmes de Sofia, preparando-me para conhecê-la, percebi que alguns temas abordados na reportagem sobre a “Bling Ring” — o nome dado à quadrilha pelo *Los Angeles*

Times — eram próximos aos explorados por ela em seus filmes: a obsessão com a celebridade; a arrogância dos jovens ricos; o vazio que cerca a fama enquanto aspiração ou modo de vida. Seu primeiro trabalho, *As virgens suicidas* (1999), baseado no romance de Jeffrey Eugenides, era sobre uma família de meninas ricas em Gross Point, Michigan, que se suicidam inexplicavelmente, tornando-se por isso “famosas” na sua vizinhança. A Maria Antonieta de Sofia, interpretada por Kirsten Dunst, era uma adolescente mimada e uma espécie de estrela de rock da época (até, é claro, perder a cabeça). *Encontros e desencontros* — pelo qual Sofia ganhou o Oscar de Melhor Roteiro Original em 2004 — retratava um ator de filmes de ação (Bill Murray) que é vítima da superexposição provocada pela fama; e em *Um lugar qualquer* (2010), Stephen Dorff interpreta um ator famoso que mora no lendário hotel Chateau Marmont e se dá conta de que sua existência no centro de Hollywood é vazia e sem sentido. Então, tive a impressão de que o caso de uma gangue de adolescentes obcecados pela fama que tinham roubado as casas de famosos era para Sofia Coppola o que uma boa história de terror era para Hitchcock.

Acontece que o tema também era a minha seara. Quando vieram à tona as primeiras notícias a respeito das invasões, um amigo meu brincou que aquilo parecia uma “versão doidona de uma matéria típica da Nancy Jo Sales”. Acho que entendi o que ele queria dizer com aquilo. Eu vinha escrevendo sobre as desventuras de jovens ricos desde 1996, quando publiquei uma reportagem na revista *New York* intitulada pelo meu editor “Prep School Gangsters” [Gângsteres da escola]. Consistia numa crônica sobre a vida de estudantes de escolas particulares em Nova York que tentavam pôr em prática suas fantasias alimentadas por rappers marrentos e por terem assistido muitas vezes ao filme *Os bons companheiros*. Foi por puro acaso que acabei enveredando por esse filão, que me conduziu a histórias sobre jovens baladeiros, modelos, socialites, DJs e garotos ricos apaixonados. Ao mesmo tempo, eu escrevia perfis exatamente sobre as mesmas pessoas que esses garotos e garotas — loucos por fama — desejavam ser: Puffy, J-Lo, Tyra, Leo, Jay-Z e Angelina, assim como duas das famosas vítimas da Bling Ring, Hilton e Lohan. (Fui autora da primeira matéria de revista sobre Hilton, para a *Vanity Fair*, em 2000.)

* * *

Encontrei Sofia pela primeira vez num café do Soho, o bairro nova-iorquino onde na época ela morava com o marido, Thomas Mars, vocalista da banda francesa de rock alternativo Phoenix, e sua filha Romy, de três anos. Sofia estava grávida da segunda filha (Cosima, que viria a nascer em maio de 2010) e dava os últimos retoques na sala de edição em seu filme *Um lugar qualquer*. Era um dia quente, ensolarado, e Sofia, num vestido lilás de algodão, estava linda, com seus olhos castanhos amendoados e pele sedosa. Sua voz era tranquila e suave, e seu jeito sonhador de algum modo me fez lembrar a delicadeza expressa em seus filmes. Sentamos numa mesa nos fundos do restaurante e tomamos um café da manhã, chá para ela, café para mim. Perguntei o que a interessara na reportagem a respeito da Bling Ring, que ela disse ter lido num voo entre Los Angeles e Nova York.

— Pensei “alguém devia fazer um filme sobre isso” — contou ela. — E pensei que provavelmente alguém já estaria fazendo. Nunca me passou pela cabeça que aquilo era algo que eu pudesse vir a fazer. Então, volta e meia tornava a pensar no assunto, talvez porque a história abordava todas essas coisas na nossa cultura com que tenho me preocupado ou sobre as quais venho pensando. Não sei se “microcosmo” seria a palavra certa, porém de algum modo ela destila toda a angústia cultural dos dias de hoje. Sinto como se essa história de certa forma resumisse tudo isso.

“Para mim é toda a ideia em torno do narcisismo e dos *reality shows* da TV e da obsessão com as redes sociais, tudo pelo qual os jovens dessa geração se mostram obcecados — seguiu ela — e do modo como são mimados. Eles — os garotos da Bling Ring — não viam problema em entrar naquelas casas e pegar o que quisessem. Penso que todos esses temas estão presentes nessa história, e foi isso que me atraiu nela antes mesmo de me dar conta. Acho que algo sobre o que a nossa cultura é hoje, é tão diferente da época em que eu era jovem...”

Sofia cresceu em Napa Valley, para onde seu pai, Francis Ford Coppola, o diretor de *O poderoso chefão* (1972), se mudou com a família ao deixar Nova York nos anos 1970.

— Sempre soube que atraíamos atenção e que essa atenção era toda por causa dele — contou sorrindo, quando lhe perguntei se na infância ela perce-

bia que seu pai era uma pessoa famosa. — Mas vivíamos em Napa, onde não mora muita gente ligada ao *show business*, de modo que lá éramos “o pessoal de Hollywood”. Acho que isso deve ter contribuído para o fato de me sentir sempre atraída por esse mundo alternativo, esse metamundo, das pessoas que vivem com algum tipo de fama.

Sofia foi criada num lar cheio de celebridades que, para ela, não eram celebridades — eram apenas sua família. Sofia não seria Sofia se não tivesse crescido entre cineastas. Sua mãe, Eleanor Coppola, é diretora de documentários; seu irmão, Roman Coppola, é roteirista e diretor; sua tia Talia Shire e os primos Jason Schwartzman e Nicolas Cage são atores; e seu avô, Carmine Coppola, foi compositor de trilhas sonoras premiado com um Oscar. (Seu irmão mais velho, Gio, que despontava como um cineasta promissor, morreu num acidente de lancha em 1985.)

Os amigos de seus pais eram cineastas e escritores, atores e artistas. Uma de suas primeiras lembranças é a de estar sentada no colo de Andy Warhol. Marlon Brando, Werner Herzog, Steven Spielberg e George Lucas eram convidados habituais nos jantares na casa da família. O tom era ditado pelo pai italiano, que se mostrava caloroso e acolhedor, de modo que as crianças sempre ouviam adultos falarem sobre produção cinematográfica.

— Acho que estava aprendendo muito sobre todas essas coisas, porém meio que sem me dar conta disso — disse Sofia.

E quando ela e o resto da família acompanhavam o pai nas locações — eles passaram meses nas Filipinas durante as filmagens de *Apocalypse Now* (1979) — ela via em primeira mão como se fazia cinema. (Sua mãe codirigiu o inesquecível documentário *Francis Ford Coppola — O apocalipse de um cineasta*, de 1991, no qual aparece a pequena Sofia.)

— Quando era menina, para mim aquilo era apenas entrar num helicóptero e voar sobre a floresta — disse Sofia.

Na adolescência ela ficou fascinada pelo mundo da moda; aos quinze anos, estagiou na Chanel.

— Quando eu era pequena, ninguém da minha idade tinha bolsas de grife — lembrou ela. — Na escola não havia toda essa obsessão pela marca. O assunto não era tanto uma norma cultural naquela época. Eu me lembro de ir a desfiles de moda e nunca ver celebridades na primeira fila. Agora

as celebridades dão seus nomes a linhas de roupas, e até Alexis [Neiers] — diz, referindo-se a um dos arrombadores da Bling Ring — também quer ser uma estilista.

Vários outros jovens da quadrilha queriam o mesmo. À medida que fui conhecendo Sofia, me chamou a atenção o fato de que ela também nutria algumas das aspirações daqueles jovens da Bling Ring — a diferença, é claro, é que ela era o artigo legítimo, a *It Girl* que eles desejavam ser. Depois de deixar o Instituto de Artes da Califórnia, onde estudou fotografia e design de moda, ela deu início à sua própria linha de roupas, a Milkfed, que ainda é vendida exclusivamente no Japão.

Ao longo dos quase três anos que se passaram entre o nosso primeiro encontro e a conclusão das filmagens de *Bling Ring: a gangue de Hollywood*, que teve sua estreia marcada para 14 de junho de 2013, Sofia e eu nos encontraríamos para falar do filme que ela estava roteirizando e depois dirigindo. Sempre gostava de vê-la. Era divertido conversar com ela. Tinha a impressão de que estávamos sempre fofocando a respeito de Hollywood, como se algo na natureza do assunto que nos mobilizava estivesse nos transformando em duas viciadas nos piores tabloides. Falávamos sobre o processo de celebração de tudo, e que parecia ter acontecido de repente, durante a última década. Eu disse que considerava que o marco desse fenômeno era a ascensão de Paris Hilton. Sofia acreditava que foi a explosão do jornalismo sensacionalista.

— Acho que a revista *Us Weekly* mudou tudo — disse Sofia, se referindo ao modo como a *Us* tinha passado de uma publicação mensal a semanal em 2000, começado a priorizar fofocas mais rasteiras e se tornando mais invasiva, dando início assim a um grande *boom* na cobertura das celebridades. — Lembro quando morava em Los Angeles antes da *Us Weekly* e que era possível sair e fazer coisas e gozar de alguma privacidade. Quer dizer, na verdade não me sinto assim tão mergulhada nesse mundo [das celebridades], porém, de algum modo, de repente as coisas ficaram diferentes. Antes não havia *paparazzi* por toda parte o tempo todo. E a outra grande novidade foi o advento do TMZ — disse, se referindo ao site especializado em fofocas e celebridades lançado em 2005. — Lembro-me de ter deixado o país e vivido

na França por alguns poucos anos e então, quando voltei, o TMZ estava por toda parte e aquilo era muito estranho. Aconteceu muito rapidamente, tanto o TMZ como o Twitter e os *reality shows* da TV. De repente isso estava por toda parte e nossa cultura enlouqueceu.

— Com o Twitter — disse ela — é loucura o modo como essas estrelas ficaram acessíveis. — Tão acessíveis, ela acredita, que os jovens da Bling Ring “pensaram que conheciam essas pessoas porque sabiam o que elas comiam no café. Então se sentiram à vontade para entrar na casa delas”.

Sofia parecia compartilhar do meu espanto pela maneira como aqueles adolescentes da reportagem falavam sobre o que fizeram, como se eles mesmos fossem estrelas — principalmente Alexis Neiers. Sofia leu a transcrição das minhas entrevistas com Alexis e alguns dos outros integrantes da gangue e disse estar incorporando alguns dos trechos aos diálogos do filme.

— Quando as pessoas leem isto — disse, apontando seu roteiro —, dizem “meu Deus, de onde você tirou isso?” Conto a elas então que é tudo verdade, que tirei isso da transcrição das fitas. Usei o material real porque seria incapaz de inventar algo assim, tão absurdo.

Na minha matéria da *Vanity Fair*, por exemplo, Alexis me diz que acredita que um dia pode vir a “liderar um país”. Seu comentário não estava diretamente relacionado às invasões — mas talvez estivesse. Aos dezoito anos, ela já estava convencida do poder da sua pseudofama.

— Isso hoje me parece muito estranho — disse Sofia. — Todo esse fenômeno de ser famoso por nada. Acho que começou com os *reality shows* na TV e então passou a ser normal. Aqueles garotos [da Bling Ring] queriam todos ser famosos sem motivo. Quando eu era menina, as pessoas eram famosas porque tinham realizado alguma coisa, por terem feito algo. Eu me sinto como uma velha resmungona reclamando de tudo isso — disse ela, sorrindo constrangida.

Em fevereiro de 2012, Sofia escalou Emma Watson no papel de Nicki, baseado em Alexis Neiers. (A essa altura uma consultora do filme, que estava começando a parecer uma gravura ilusionista de Escher sobre o tema da fama.)

— Estive com Emma e ela ficou muito interessada pelo papel — disse Sofia. — Tive a impressão de que ela captou tudo com muita inteligência. Ela compreendeu bem o tema por causa da sua popularidade.

Na condição de coestrela de oito filmes da série *Harry Potter*, Watson desfrutava do status de celebridade que suscitava quase um culto por parte do público.

— Ela demonstrou grande interesse a respeito de todo esse tema da fama — comentou Sofia. — Ela se identificava com isso, já que sabia exatamente como são as coisas para uma celebridade nos dias de hoje. Era capaz de ver o caso do ponto de vista dos garotos, que eram semelhantes aos seus próprios fãs, e das pessoas do outro lado, as vítimas dos furtos.

— Tinha esquecido o quanto ela era famosa — disse Sofia. — Fiz todo o elenco sair para almoçar junto, como um modo de aproximar o grupo, e logo foram cercados pelos *paparazzi*.

Durante as filmagens de *Bling Ring*, que tiveram como locação Calabasas e Los Angeles, na Califórnia, em março e abril de 2012, o set costumava ficar infestado de *paparazzi* e *videorazzi* e era alvo de fofocas nos sites voltados para celebridades, como o TMZ, refletindo os próprios temas abordados no filme.

Como forma de preparar os atores para os seus papéis, Sofia havia providenciado para que o jovem elenco — que inclui Israel Broussard, Katie Chang, Claire Julien e Taissa Farmiga — “roubasse” uma casa em Hollywood Hills.

— Foi algo feito de improviso — contou Sofia. — Antes de começarmos a filmar, fizemos com que entrassem na casa de um amigo meu — (que não era famoso). — Cuidamos para que ninguém estivesse em casa naquele momento e fizemos com que invadissem a residência enquanto meu amigo estava fora por algumas horas. Deixamos uma janela aberta e dissemos o que tinham de levar da casa. Demos uma lista para eles.

Os jovens da *Bling Ring* iam muitas vezes “às compras”, como se referiam aos seus roubos, munidos de listas de roupas que pertenciam às suas vítimas famosas, itens selecionados a partir de suas pesquisas na internet.

— Eles se saíram muito bem — disse Sofia a respeito do elenco. — Foram ótimos ladrões.

Por que a *Bling Ring* fazia aquilo? Por que roubar coisas de gente famosa? Sofia e eu conversamos muito a respeito disso.

— Adoro aquela frase — falando sobre um trecho das transcrições — em que Nick [Prugo] diz [a respeito de Rachel Lee, outra acusada] que “ela que-

ria fazer parte daquele estilo de vida, o estilo de vida que todos nós mais ou menos queremos ter”. Eu achava que era muito importante colocar isso no filme, o fato de ele ter presumido que todo mundo deseja esse estilo de vida.

Por fim, Sofia e eu falamos sobre o que significa criar filhas numa cultura enlouquecida pela fama. Ela me contou que sua filha, Romy, agora com seis anos, havia informado uma senhora no parque que a mãe dela era “famosa na França”.

— Nem sei como ela sabe disso ou por que julga isso importante — comentou Sofia, rindo. — Espero que venha a acontecer uma reação contrária — disse referindo-se à obsessão de nossa cultura em relação à fama. — Isso precisa acontecer, não acha? Espero que, quando nossas filhas forem adolescentes e jovens, se posicionem do lado dos que reagiram.

PARTE UM

**O
MONSTRO
DA FAMA**

Em 2007, Paris Hilton comprou uma casa em Mulholland Estates, um condomínio fechado localizado tecnicamente em Sherman Oaks, Califórnia. O empreendedor imobiliário conseguiu assegurar o código postal mais cobiçado — Beverly Hills, 90210 — para aquele endereço onde, ao longo dos anos, residiram muitas celebridades, incluindo Charlie Sheen, Paula Abdul e Tom Arnold. O condomínio exibe vistas panorâmicas de San Fernando Valley e de algumas das casas mais extravagantes da região, a maior parte delas construída nos anos 1990, quando a arquitetura residencial continuava a refletir a celebração de um consumismo exacerbado, presente em séries populares de TV como *Dallas* e *Lifestyles of the Rich and Famous*.

O ano de 2007, do ponto de vista jurídico, foi difícil para Hilton. Sua carteira de motorista foi suspensa ao ter sido flagrada dirigindo alcoolizada no ano anterior e, depois de ser pega descendo o Sunset Boulevard a uma velocidade acima do permitido em seu Bentley Continental GTC azul, ela ficou na cadeia 23 dias dos 45 determinados na sentença por violação de liberdade condicional. Enquanto isso, no plano das finanças ela continuava muito bem. Mesmo os vídeos que vieram à luz, nos quais ela usava termos racistas e homofóbicos, não interferiram em seu crescente sucesso. A grife de “estilo de vida” por ela lançada em 2004 abrangia agora televisão, filmes, música, roupas, livros, joias, perfumes, bolsas, produtos para animais de estimação e sua marca de apliques para cabelo Dreamcatcher. Seu mais recente *reality show*, *Paris Hilton’s My New BFF*, estava em produção (aos candidatos da primeira temporada era feita a pergunta “Você morreria por Paris?”, sob o olhar de Hilton, que dava risadinhas). Hilton, com apenas 26 anos, estava em alta. Assim, comprou para si mesma uma mansão em estilo mediterrânico, com 2.300 metros quadrados e cinco dormitórios, por 5,9 milhões de dólares.

Cerca de um ano depois, numa noite amena de outubro de 2008, dois adolescentes passavam de carro pela Mulholland Drive rumo à casa de Hilton com a intenção de arrombá-la. Eram uma jovem e um rapaz, de dezoito e dezessete anos, que moravam não muito longe, em Calabasas, um subúrbio

abastado no Valley. O garoto, Nick Prugo, era franzino, com feições angulosas como as de uma raposa e um sorriso intermitente, que expressava ansiedade. Exibindo indícios de uma calvície prematura, ele sugeria a imagem de um antigo astro da Nickelodeon que, envelhecido, tivesse deixado para trás seu encanto infantil. Ostentava um bigode fino e um ralo cavanhaque, que complementavam seu visual *hipster* (casaco de moletom com capuz, jeans, tênis, a carteira presa por uma corrente). A menina que, segundo ele, o acompanhava, Rachel Lee, era esguia, tinha cabelos pretos e uma cara de criança que ocultava seu lado de durona. Como sempre, Rachel, eleita duas vezes a “mais bem vestida” da escola, estava com o visual perfeito, um *look* criminosa chique (capuz, echarpe, camiseta de marca, jeans). Rachel era obcecada por moda, disse Nick, tinha obsessão por roupas; esse era o motivo de estarem a caminho da casa de Paris aquela noite, porque Rachel queria as roupas de Paris.

Os dois amigos não falaram muito ao avançarem pela estrada tortuosa ao longo da montanha rumo à casa que pertencia ao seu alvo. As etapas do planejamento “lembravam muito *Missão impossível*”, disse Nick e os dois tinham se habituado a chamar a tarefa que estavam prestes a realizar de “a missão”. Falantes, tinham vivido com grande intensidade aqueles momentos de preparação, tentando imaginar de que modo poderiam ter acesso a um condomínio fechado protegido por guardas. Nick havia estudado cuidadosamente a propriedade com ajuda do Google Earth, depois de achar o endereço de Hilton no Celebrity Address Aerial. (Site dedicado a divulgar endereços e fotografias aéreas das residências de celebridades ao preço de 99,99 dólares pela assinatura anual. Os responsáveis pelo site têm uma opinião bem pouco positiva a respeito de Hilton, afirmando na sua página de divulgação: “O motivo pelo qual tantas pessoas odeiam a América é, pura e simplesmente, Paris Hilton.”)

Ao examinar as fotos aéreas de Mulholland Estates, ele percebeu uma área nos fundos que parecia acessível por uma colina íngreme. Rachel mostrou-se satisfeita com sua descoberta, ele disse, e isso o deixou feliz. Nick gostava de agradar Rachel. Ele sentiu um arrepio de emoção ao avançarem juntos rumo a essa estranha aventura. Estava nervoso, ele contou, mas Rachel permanecia calma, e isso o tranquilizou. Tentou concentrar sua atenção na música que estava tocando no carro enquanto aceleravam pela escuridão. Ele gostava de hits

dançantes de Pharrell e Lil Wayne e de canções do Atmosphere, o melancólico grupo de rappers brancos de Minnesota. Havia uma canção deles em especial que sempre fazia com que pensasse em Rachel chamada “She’s Enough”. É sobre um homem que faria qualquer coisa pela mulher que ele ama:

“Se ela quer aquilo / Vou conseguir pra ela... Se ela precisasse do dinheiro / Eu ia te deixar limpo, cara... Ela quer aquele troço e eu estou do lado dela...”

Por volta da meia-noite, contou Nick, eles chegaram ao Mulholland Estates e estacionaram o Toyota branco nos fundos do condomínio. Não tiveram dificuldade para encontrar a colina que procuravam e subiram por ali, se valendo das trilhas que acharam na mata, clareiras abertas para a prevenção contra incêndios, uma subida não muito íngreme que facilitava a escalada. Podiam ouvir um ao outro arfando por causa do esforço. Não eram jovens atléticos — fumavam cigarros e baseados. Ambos tinham cartões emitidos pelo estado da Califórnia autorizando o consumo de maconha para fins medicinais; esse documento não era difícil conseguir.

Uma vez no interior do condomínio, eles passaram por mansões parecidas com castelos sombrios e carros de luxo, como se estivessem num sonho. Estavam seguros, de acordo com Nick, de que, caso fossem vistos, não seriam considerados intrusos. Pareciam ser “garotos normais”. Ele poderia ser o filho de algum vizinho, Rachel poderia ser sua namorada.

— Era isso que realmente fazia com que as coisas fluíssem quando Rachel e eu saíamos para essas coisas — disse Nick. — Nunca usávamos máscaras, não usávamos luvas. Éramos discretos. Tínhamos uma aparência natural, de modo que, se alguma coisa desse errado, falaríamos o quê? Somos só garotos normais. Não era como se fôssemos criminosos.

Ele contou que nunca conseguiu se lembrar do momento exato em que ele e Rachel decidiram começar a arrombar casas de celebridades; mas assim que se decidiram, souberam na mesma hora que Paris seria a primeira.

— Rachel acreditava — disse ele — e, acho, eu também, que Paris era uma idiota. Tipo, quem deixaria a porta destrancada? Quem deixaria um monte de dinheiro bem à vista? Usando a lógica, qualquer um nos Estados Unidos provavelmente chegaria à conclusão de que, se vai tentar algo com uma celebridade, então melhor que fosse alguém, digamos, não muito inteligente...

E então, de repente, surgiu a casa de Paris, se erguendo diante deles como a *villa* de alguma condessa espanhola, resplandecente com azulejos amarelos e telhas de estilo mediterrânico. Nick procurou ficar calmo enquanto seguia Rachel ao longo do acesso da casa rumo à porta da frente. O plano dos dois — bem, não exatamente um plano, tinha sido mais um impulso, pois, a despeito de quantas vezes tivessem imaginado aquela noite, na verdade decidiram apenas ir e agir espontaneamente, depois de terem tomado alguns drinques — o plano era apenas tocar a campainha e ver se alguém atenderia. E se alguém atendesse, bem, talvez então conseguissem ver Paris. E isso seria fantástico, de um jeito engraçado. Iriam fingir serem apenas dois idiotas com o endereço errado, garotos procurando alguma festa.

Rachel tocou a campainha, contou Nick, exibindo a expressão inocente que ele a vira usar tantas vezes antes. Ela era ótima para representar o papel da garota bonita sempre que adultos estavam por perto fazendo perguntas.

— Ela sabia que era uma menina bonita e que assim poderia se safar de algumas coisas. Sabia como funcionava o sistema. Sabia como jogar com essas regras.

Ela tocou e tocou... mas ainda assim não houve resposta. Paris estava em casa ou tinha saído? Estava promovendo sua linha de bolsas em alguma loja de departamentos em Tóquio? Marcando presença na festa de aniversário de algum milionário em Moscou (por um cachê, é claro)? Nick tinha tentado rastrear o paradeiro de Hilton recorrendo à conta dela no Twitter e aos sites sobre celebridades, como TMZ, mas não tinha muita certeza de onde ela se encontraria naquela noite...

Ding-dong.

Iriam fazer mesmo aquilo? Ou apenas voltariam para casa com uma história engraçada para contar aos amigos?

E então, disse Nick, passou pela sua cabeça a ideia de simplesmente olhar debaixo do capacho diante da porta. Ver brilhar o metal da



Paris Hilton fotografada pela polícia após ser presa por direção perigosa, setembro de 2006.

chave foi como encontrar o cupom dourado de Willy Wonka, da Fantástica Fábrica de Chocolates. Idiota era o termo certo.

— Uau.

Lá dentro era como a Casa dos Sonhos da Barbie. Havia imagens de Paris Hilton por toda parte, fotos suas emolduradas pelas paredes; capas de revista anunciando perfis de Paris; fotos de Paris com todos os seus amigos famosos espalhadas por todas as mesas — estavam lá Mariah Carey, Jessica Simpson, Fergie, Nicky Hilton (a irmã de Paris), Nicole Richie (elas ainda eram amigas?). Havia fotos de Paris nos banheiros. Seu rosto estampava as almofadas do sofá.

Havia muito rosa, e também candelabros de cristal em quase todos os aposentos. Até na cozinha. Era como entrar no Hilton Hotel mais “mulherzinha” do mundo. Nick disse que andaram por ali devagar, maravilhados com o fato de estarem realmente ali.

— Parte de nós estava... caramba, é a casa da Paris Hilton, mas, assim que botei os pés ali, tive vontade de sair correndo... Era assustador.

Segundo Nick, ele queria ir embora, mas Rachel subiu correndo a escada. Lá em cima ficavam os quartos, e nos quartos havia os armários, e nos armários havia as roupas. Nick disse ter seguido Rachel até o quarto principal — era gelado lá dentro e o cheiro lembrava o da seção de perfumes de uma loja de departamentos. No quarto havia uma varanda com vista para a piscina e, além dela, viam-se as colinas cintilantes de Valley. Ao olharem na direção das suas próprias casas do ponto de vista das pessoas mais buscadas no Google do planeta, não conseguiram deixar de rir.

Os cachorrinhos — chihuahuas e um lulu-da-pomerânia, Tinkerbell, Marilyn Monroe, Prince Baby Bear, Harajuku Bitch, Dolce e Prada — ficavam correndo ao redor deles, olhando-os com curiosidade, mas sem latir. Deviam estar habituados com a presença de estranhos na casa. (Um ano mais tarde, Hilton iria construir para os cães no quintal uma miniatura da própria casa com noventa metros quadrados no valor de 325 mil dólares. Philippe Starck providenciaria a mobília.)

— Meu Deus!

Nick disse que Rachel deu um gritinho de prazer ao encontrar os closets. Um deles era do tamanho de um quarto pequeno e o outro do ta-

manho de uma pequena loja de roupas. Era como a cena em que os anões descobrem o covil do dragão repleto de tesouros em *O Hobbit*. Um dos closets tinha um candelabro, e o outro, mobília, como se Paris gostasse de se sentar ali para apenas ficar olhando todas as suas coisas. O closet menor estava tomado, do chão ao teto, por prateleiras com centenas de pares de sapatos, todos enfileirados como troféus — Manolos, Louboutins, Jimmy Choos, um par de YSL com o formato da Torre Eiffel. Havia sapatos de todas as cores — sedosos, lustrosos, de bico fino. Sapatos grandes. Tamanho quarenta.

O closet maior estava repleto de prateleiras e mais prateleiras com roupas. Nick não pôde deixar de sorrir.

— Rachel, faça o que tem de fazer — disse ele. — Ela começou a revirar tudo, absolutamente tudo, com a maior concentração, com aquele espírito de “Essa é a minha missão”. Explorou aquelas prateleiras cheias de roupas excêntricas, reluzentes, delicadas, vibrando ao dar de cara com a criação de cada estilista: isso era Ungaro, aquilo, Chanel! Havia vestidos, camisolas, blusas e casacos de Roberto Cavalli, Dolce & Gabbana, Versace, Diane von Furstenberg, Prada... Nick disse que Rachel reconhecia algumas roupas de aparições públicas de Paris. Ela acompanhava essas coisas. Sabia qual peça Paris tinha usado na cerimônia de premiação dos cliques da MTV e na dos Teen Choice Awards.

Contou que Rachel disse que aquilo era como “fazer compras”.

Nesse ponto ele começou a ficar nervoso de novo. Decidiu sair e ficar vigiando do alto da escada. Dali era possível ver através das amplas janelas que ficavam na parte da frente da casa. Então, Nick ficou parado ali. Ele suava, contou, de uma forma que “não era normal”.

— A cada cinco minutos eu gritava para ela pelo corredor: “Porra, vamos dar o fora daqui! Quero ir embora! Foda-se tudo isso, não quero mais saber!” E ela repetia “Está tudo bem, está tudo bem, vamos continuar”...

Ele se ressentia por Rachel estar sempre no controle, não importa o que fizessem — ele “odiava aquilo”, contou —, mas o que podia fazer? Aquela era “a garota que ele amava”, e não queria perdê-la. E ainda que nunca tivesse posto isso à prova, havia algo em Rachel que dava a entender que, se ele não fizesse o que ela queria, ela iria embora. Não que ele se

importasse com o fato de Rachel levar algumas das coisas de Paris — olha só para a casa da Paris, ela “tinha tudo”. E ela “na verdade não contribuía para a sociedade”, não era “um grande ator como Anthony Hopkins ou Johnny Depp, alguém realmente bom no que fazia”. Ela era uma herdeira cabeça-oça ou, como diziam os tabloides, uma *celebutard* (uma celebridade burra e extravagante).

— Não via maldade naquilo — disse Nick. — Não estava ali roubando, digamos, algum cidadão trabalhador.

Mas Nick não queria ser flagrado. Gritou outra vez para Rachel: “Ande logo, vamos dar o fora daqui!”. Contudo, segundo ele, ela respondeu apenas: “Está tudo bem, por que você está pirando?”

E então viu na parede da escada uma foto de Paris olhando-o feio. Ela usava um vestidinho preto, num divã, sentada sobre as próprias pernas dobradas. Parecia uma princesa da Park Avenue, extremamente aborrecida com alguma coisa. Ela estava olhando, encarando, como se dissesse “Como ousa entrar na minha casa e mexer nas minhas coisas, seu idiota? Vou pegar você...”

Num sobressalto, Nick voltou-se e percorreu o corredor para encontrar Rachel. Ela tinha escolhido um vestido de um estilista, ele contou — não conseguia lembrar qual, “havia tantos” — e alguns sutiãs de Paris. Ele insistiu que estava na hora de ir embora — mas não sem antes dar uma olhada nas bolsas de Paris. Eles sabiam por experiência própria — pois, sim, eles já tinham feito aquele tipo de coisa antes — que pessoas ricas tendem a deixar dinheiro jogado em qualquer lugar pela casa. E, é claro, no closet, com os sapatos e os óculos escuros no qual Paris guardava suas muitas bolsas — Fendi, Hermes, Balenciaga, Gucci, Louis Vuitton e assim por diante —, encontraram “dinheiro amassado, notas de cinquenta, de cem, que para nós parecia que, depois de ela ter ido às compras naquele dia, aquilo era o troco”. Nick mais tarde se lembraria do cheiro de couro caro, dos *ohs* e dos *ahs* de Rachel a respeito das grifes, e do ruído das notas amassadas. Saíram de lá com 1.800 dólares cada um — uma boa quantia.

E agora era mesmo a hora de ir. Antes, porém, não resistiram à tentação de dar uma olhada no resto da casa. Perambularam por ali — era um tanto assustador, como se Paris estivesse ali, em algum lugar, observando. Paris podia voltar a qualquer momento. Descobriram a boate, com um globo espelhado

pendurado do teto e um balcão de bar. Pensaram em todas as pessoas famosas que tinham estado ali — Britney, Lindsay, Nicole, Nicky, Benji Madden (o guitarrista da banda Good Charlotte e na época namorado de Paris), Avril Lavigne... Não podiam deixar de imaginar eles mesmos, de volta ali algum dia, divertindo-se, dançando ao lado de Paris.

Nick apanhou para ele uma garrafa da vodca Grey Goose, e os dois foram embora.